

O AMOR ENXERGA ALÉM DAS APARÊNCIAS

*Mais de 100 milhões de livros vendidos*

# NICHOLAS SPARKS

## NO SEU OLHAR





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Jeannie Armentrout.*

# Prólogo



*N*ão foi preciso mais do que um dia em Wilmington para ele saber que aquela era uma cidade em que nunca se estabeleceria. Era turística demais e parecia ter crescido sem o menor planejamento. Ainda que o distrito histórico tivesse o tipo de casa que ele queria – varanda na frente, colunas, lambris e pés de magnólia no quintal –, esses bairros adoráveis acabavam atraindo áreas comerciais com shoppings de beira de estrada, lojas de conveniência, redes de lanchonetes e revendas de automóveis. O tráfego interminável serpenteava pelo distrito, ficando ainda mais insuportável durante o verão.

Mas o terreno da Universidade da Carolina do Norte em Wilmington era uma surpresa agradável. De algum modo ele imaginara um campus onde predominasse a feia arquitetura dos anos 1960 e 1970. Havia algumas construções assim, sobretudo nos limites da instituição, mas as quadras centrais eram maravilhosas: passeios com sombra e gramados bem-cuidados, as colunas georgianas e fachadas de tijolos do Hoggard Hall e do Kenan Hall reluzindo ao sol do fim de tarde.

Ele admirou também as áreas públicas. Havia uma torre de relógio e, ao chegar, contemplou a imagem refletida no pequeno lago, o próprio tempo espelhado e ilegível ao primeiro olhar. Enquanto estivesse com um livro aberto no colo, podia ficar sentado espiando as atividades, quase invisível aos estudantes que circulavam.

Fazia calor para o fim de setembro, e os universitários usavam bermudas e miniblusas, pele exposta por toda parte. Imaginou se os jovens se vestiam daquele jeito também para assistir às aulas. Como eles, estava no campus para aprender. Visitara o local três vezes em três dias, mas ainda havia muita gente ao redor; muitas chances de haver lembranças, e ele não queria ser lembrado. Cogitou ir para outra área antes de finalmente deci-

*dir que não havia motivo. Pelo que dava para ver, ninguém se importava com sua presença.*

*Estava perto, muito perto, mas era importante manter a paciência por enquanto. Respirou fundo. Viu uma dupla de estudantes indo para a aula, mochilas penduradas nos ombros, mas a essa hora estavam em número muito menor do que os colegas que saíam, dando início ao fim de semana mais cedo. Aqui e ali alunos se reuniam em grupos de três ou quatro, conversando e bebericando em garrafas d'água que ele suspeitava estarem cheias de bebidas alcoólicas, enquanto dois rapazes jogavam um frisbee para lá e para cá, com as namoradas batendo papo ali perto.*

*Viu um homem e uma mulher discutindo, o rosto dela estava vermelho. Ela empurrou o namorado, criando espaço entre os dois. Deu um sorriso. Respeitava a raiva dela e o fato de que, diferentemente dele, ela não se sentia compelida a esconder os sentimentos. Para além do casal, outro grupo de estudantes jogava futebol com a falta de preocupação de quem não tem responsabilidades.*

*Acreditava que muitos alunos planejavam sair naquela noite e na seguinte. Casas de fraternidades. Bares. Boates. Para eles o fim de semana começaria ainda naquela noite, já que não havia muitas aulas às sextas-feiras. Ficara surpreso ao descobrir isso. Com o custo elevado da educação universitária, imaginava que os estudantes exigiriam mais tempo na sala de aula, e não fins de semanas de três dias. No entanto, supunha que essa programação satisfazia tanto os alunos quanto os professores. Hoje em dia todo mundo queria que as coisas fossem fáceis, não era? Fazer o mínimo de esforço possível? Pegar atalhos?*

*Era exatamente isto que os estudantes estavam aprendendo ali: decisões difíceis não eram necessárias, não era importante fazer a escolha certa, principalmente se isso implicasse trabalho extra. Por que estudar ou tentar mudar o mundo numa tarde de sexta-feira quando você podia estar curtindo o sol?*

*Olhando da esquerda para a direita, imaginou quantos daqueles alunos ao menos pensavam na vida que iriam levar. Cassie costumava pensar nisso. Tinha planos. Tinha mapeado o futuro aos 17 anos, embora houvesse um pouco de hesitação no modo como ela falava sobre isso. Ele tinha a impressão de que ela não acreditava totalmente em si mesma. Por que outro motivo teria tomado aquelas decisões?*

*Ele tinha tentado ajudá-la. Tinha feito a coisa certa, cumprido com a lei, preenchido relatórios para a polícia, até falado com a assistente da promotoria. E até ali acreditava nas regras da sociedade. Mantinha a crença ingênua de que o bem triunfaria sobre o mal, que o perigo poderia ser encurralado, que os acontecimentos poderiam ser controlados. As regras manteriam as pessoas a salvo do mal. Cassie também acreditava nisso. Afinal, não era o que ensinavam às crianças? “Olhe para os dois lados antes de atravessar a rua.” “Não entre num carro com um estranho.” “Escove os dentes.” “Coma legumes.” “Ponha o cinto de segurança.” A lista era interminável, repleta de regras para nos proteger e salvar.*

*Mas também podiam ser perigosas. As regras tinham a ver com situações gerais, não com específicas. Como as pessoas eram condicionadas desde a infância a aceitar regras, era fácil segui-las cegamente. Confiar no sistema. Era mais fácil não se preocupar com possibilidades aleatórias. Isso significava que não era preciso pensar em consequências potenciais. Quando o sol brilhava nas tardes de sexta-feira, todos podiam jogar frisbee sem qualquer preocupação.*

*A experiência era a lição mais dolorosa. Durante quase dois anos, ele só conseguira pensar nas lições que aprendera. Havia consumido sua mente, mas aos poucos uma clareza tinha começado a emergir. Cassie sabia sobre o perigo. Ele a havia alertado a respeito do que poderia acontecer. No fim, ela só se preocupou em seguir as regras porque era conveniente.*

*Olhando seu relógio, viu que finalmente era hora de ir. Fechou o livro e se levantou, parando para avaliar se seu movimento havia feito com que outras pessoas o notassem. Nada. Então foi embora, atravessando o gramado com o livro embaixo do braço. Trazia uma carta no bolso. Ele caminhou até a caixa de correspondência do lado de fora do prédio de ciências. Enfiou o envelope na fenda e aguardou; alguns instantes depois, viu Serena sair pela porta, exatamente na hora esperada.*

*Já sabia muito sobre ela. Atualmente, todo jovem tinha Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat etc., deixando a vida à mostra para qualquer um que se importasse em juntar as peças. De quem a pessoa gostava, quem eram os seus amigos, onde passava o tempo. Já sabia, por causa de um post no Facebook, que ela almoçaria com a irmã na casa dos pais no domingo. Enquanto a olhava caminhar à sua frente, o cabelo castanho-escuro caindo até abaixo dos ombros, notou mais uma vez como era linda. Havia nela uma graça na-*

*tural. Ela atraía sorrisos de admiração dos homens por que passava, ainda que não parecesse notar. Estava andando com uma loura baixa e acima do peso, colega de turma. As duas tinham participado de um seminário sobre educação; sabia que ela queria ser professora do ensino fundamental. Fazia planos, como Cassie.*

*Manteve distância, excitado pelo poder que sentia na presença dela, um poder que poupava nos últimos dois anos. Ela não tinha ideia de como ele estava perto nem do que podia fazer. Nem ao menos olhou por cima do ombro, mas por que deveria? Ele não era ninguém, apenas mais um rosto na multidão...*

*Imaginou se ela estaria contando à loura sobre os planos para o fim de semana, os lugares ou as pessoas que pretendia ver. De sua parte, ele planejava se juntar à família para o almoço no domingo, ainda que não como convidado. Em vez disso, iria observá-los a partir de uma casa próxima, localizada num bairro de classe média. Fazia um mês que a casa estava vazia: os donos a haviam perdido por falta de pagamento, mas ainda não fora posta à venda. Apesar de as fechaduras serem boas, ele conseguira entrar por uma janela lateral sem muita dificuldade. Sabia que, do quarto principal, dava para ver a varanda dos fundos e a cozinha deles. No domingo iria assistir à família reunida, rindo e brincando à mesa da varanda.*

*Sabia de algo sobre cada um deles. Félix Sanchez tinha a clássica história de imigrante bem-sucedido; a matéria de jornal orgulhosamente emoldurada no restaurante da família contava como ele havia chegado ilegalmente ao país na adolescência, sem falar uma palavra de inglês, e começado a trabalhar como lavador de pratos num restaurante local. Quinze anos mais tarde, depois de se tornar cidadão americano, tinha economizado dinheiro suficiente para abrir seu próprio estabelecimento num shopping – La Cocina de la Familia – servindo as receitas de sua mulher, Carmen.*

*Enquanto ela cozinhava, ele fazia todo o resto, principalmente nos primeiros anos do negócio. Pouco a pouco o restaurante se expandira, e agora era considerado um dos melhores estabelecimentos mexicanos da cidade. Apesar de terem mais de quinze empregados, muitos eram parentes, o que mantinha o caráter familiar. Serena era garçonete três vezes por semana, assim como sua irmã mais velha, Maria, já fora. Félix era membro da Câmara de Comércio e do Rotary Club. Todos os domingos, a esposa e ele frequentavam a missa das sete horas na igreja de St. Mary, onde Félix também atuava*

como diácono. Carmen era um pouco mais misteriosa; ele só sabia que ela ainda se sentia mais confortável falando espanhol e que, como o marido, sentia orgulho por Maria ter se tornado a primeira pessoa da família a se formar numa faculdade.

Quanto a Maria...

Ainda não a vira em Wilmington. Ela estivera fora da cidade nos últimos dias, numa convenção de advogados, mas ele a conhecia melhor do que todos. No passado, quando morava em Charlotte, ele a vira muitas vezes. Tinha falado com ela, tentado convencê-la de que estava errada. Por fim, ela o fizera sofrer muito, e ele a odiava por isso.

Quando Serena se despediu da amiga com um aceno e rumou para o estacionamento, ele continuou andando em linha reta. Não tinha motivo para segui-la. Ele a veria no domingo, ao lado da família pequena, mas feliz. Especialmente Maria.

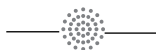
Maria podia ser considerada ainda mais bonita do que a irmã, se bem que, sinceramente, as duas eram vencedoras na loteria genética, com os olhos escuros e uma estrutura óssea praticamente perfeita. Tentou imaginá-las juntas, sentadas à mesa: apesar da diferença de sete anos, muitas pessoas poderiam presumir que fossem gêmeas. No entanto, eram diferentes. Enquanto Serena era totalmente expansiva, Maria sempre fora mais quieta e esforçada, a mais séria e estudiosa das duas. Mesmo assim eram unidas, melhores amigas, além de irmãs. Ele especulava que talvez Serena visse na irmã traços que quisesse imitar, e vice-versa. Sentiu-se empolgado ao pensar no fim de semana, sabendo que podia ser uma das últimas vezes que a família estaria reunida com algum resquício de normalidade. Queria ver como agiriam antes que a tensão infectasse a família doce e feliz... antes que o medo tomasse conta. Antes que a vida de todos começasse lentamente – e depois furiosamente – a ser arruinada.

Afinal de contas, ele havia chegado com um objetivo, e esse objetivo tinha um nome.

Vingança.



# 1



*Colin*

**C**olin Hancock estava parado junto à pia do banheiro da lanchonete, a camisa levantada para examinar melhor o hematoma nas costelas. Aquilo ia piorar no dia seguinte. Apenas tocá-lo já o fazia se encolher. Mesmo sabendo por experiência própria que a dor podia ser controlada, respirar seria doloroso amanhã.

Mas o rosto...

Isso podia se tornar um problema. Certamente os colegas de faculdade o encarariam com os olhos arregalados, assustados, e sussurrariam pelas suas costas. Duvidava de que algum deles perguntaria o que havia acontecido. Durante as primeiras semanas na universidade, a maioria dos colegas tinha parecido bastante legal, mas logo ficara claro que ninguém sabia o que pensar dele nem tentaria se aproximar. Não que isso o incomodasse. Para começo de conversa, praticamente todos eram do sexo feminino e seis ou sete anos mais novos do que ele. Colin suspeitava de que, em termos de experiências de vida, tinham pouco em comum. Com o tempo, como todo mundo, chegariam às suas próprias conclusões a seu respeito. Não valia a pena se preocupar.

Mesmo assim, precisava admitir que sua aparência estava repulsiva. O olho esquerdo inchado e o branco do olho direito num vermelho sangrento. No centro da testa havia um talho sob o curativo. O hematoma no maxilar direito parecia uma marca de nascença. Os lábios partidos e inchados completavam o quadro geral. Precisava colocar um saco de gelo no rosto o quanto antes, se quisesse que as garotas conseguissem se concentrar nas aulas. Uma coisa de cada vez. Não tinha comido muito nos últimos dias e queria algo rápido, conveniente e não totalmente insalubre. Para sua infelicidade, a maioria dos lugares já estava fechada, por isso parou numa lanchonete vagabunda perto da via expressa, com barras nas janelas, man-

chas de mofo nas paredes, linóleo descascando no chão e os reservados dos banheiros mantidos fechados com fita adesiva.

Se o local tinha um ponto positivo, era que nenhum dos outros fregueses se importou com sua aparência. As pessoas que iam a lugares assim eram boas em cuidar da própria vida. Pelo que dava para ver, todas tinham a mesma missão: ficar sóbrias.

Era o tipo de lugar onde seria fácil arranjar encrenca. Por isso, quando entrou no estacionamento de cascalho com Evan seguindo-o em seu Prius, jurava que o amigo desistiria. Mas Evan era persistente. Era o único motivo para ele pôr os pés num estabelecimento assim, ainda mais àquela hora da noite. Evan não combinava com o pessoal dali, com sua camisa cor-de-rosa, meias de estampa escocesa, sapatos de couro e cabelo louro muito bem repartido. De fato, seu Prius era como um letreiro néon anunciando que o seu objetivo era ser espancado pelo pessoal das picapes que passara a noite enchendo a cara.

Colin abriu a torneira e molhou as mãos antes de levá-las ao rosto. A água estava fria, exatamente o que ele desejava. A pele parecia em chamas. O fuzileiro com quem havia brigado tinha batido mais do que ele esperava. Ele era alto e magro, cabelo à escovinha, sobrancelhas de pateta... Colin não devia ter subestimado o cara, e disse a si mesmo que não deixaria isso acontecer de novo. Caso contrário, terminaria apavorando as colegas de turma o ano inteiro, o que simplesmente poderia arruinar toda a experiência universitária para elas. *Tem um cara apavorante na minha turma, cheio de hematomas no rosto e com tatuagens malucas, mãe!*, podia imaginá-las dizendo ao telefone. *E eu tenho que me sentar perto dele!*

Ao deixar o banheiro, viu Evan num canto. Diferente dele, Evan se encaixaria perfeitamente na faculdade. Ainda tinha cara de bebê. E, quando se aproximou, Colin se perguntou quantas vezes por semana ele precisava se barbear.

– Demorou bastante – disse Evan. – Achei que tinha se perdido.

Colin se ajeitou no encosto de vinil.

– Espero que não tenha ficado nervoso demais, sozinho aqui.

– Ha-ha.

– Tenho uma pergunta.

– Manda.

– Quantas vezes por semana você faz a barba?

Evan piscou.

– Você ficou dez minutos no banheiro e era nisso que estava pensando?

– Pensei enquanto vinha para a mesa.

Evan o encarou.

– Faço a barba todas as manhãs.

– Por quê?

– Como assim, por quê? Pelo mesmo motivo que você.

– Eu não faço a barba todas as manhãs.

– Por que estamos falando disso?

– Fiquei curioso, perguntei e você respondeu – disse Colin. Ignorando a expressão de Evan, assentiu na direção dos cardápios. – Mudou de ideia e decidiu pedir?

Evan balançou a cabeça.

– Sem chance.

– Não vai comer nada?

– Não.

– Azia?

– Na verdade, tem mais a ver com a minha forte suspeita de que, na última vez que a cozinha daqui foi inspecionada, eu não devia ser nem nascido.

– Não é tão ruim.

– Você viu o cozinheiro?

Colin olhou para a grelha atrás do balcão; o cozinheiro estava à direita da chapa central, com um avental gorduroso que mal escondia a pança ampla. Tinha um rabo de cavalo comprido e tatuagens cobrindo a maior parte dos antebraços.

– Gostei das tatuagens dele.

– Que surpresa!

– Só estou sendo sincero.

– Eu sei. Você sempre é sincero. Até demais. Por exemplo: quando sua namorada pergunta se uma roupa faz com que ela pareça gorda, você deve sempre dizer que ela está linda.

– Não tenho namorada.

– Provavelmente porque disse à última que ela parecia gorda sem acrescentar a parte sobre estar linda.

– Não foi isso que aconteceu.

– Você entendeu o meu argumento. Às vezes a gente precisa... modificar um pouco a verdade para se relacionar com as pessoas.

– Por quê?

– Porque é isso que gente normal faz. Porque é assim que a sociedade funciona, ora. Você não pode simplesmente dizer o que dá na telha. Isso deixa as pessoas desconfortáveis ou magoadas. E, só para você saber, os chefes odeiam isso.

– Certo.

– Não acredita?

– Acredito.

– Mas não se importa.

– Não.

– Porque prefere dizer a verdade.

– É.

– Por quê?

– É o que funciona para mim.

Evan ficou em silêncio por um momento.

– Às vezes eu gostaria de ser mais assim. Simplesmente dizer ao meu chefe o que penso, sem me importar com as consequências.

– Você pode. Só opta por não fazer.

– Preciso do salário.

– Isso é uma desculpa.

– Talvez. – Evan deu de ombros. – Mas é o que funciona para mim.

Às vezes é necessário mentir. Por exemplo, se eu lhe dissesse que vi duas baratas embaixo da mesa enquanto você estava no banheiro, você poderia sentir o mesmo que eu em relação a comer aqui.

– Você sabe que não precisa ficar, certo? Eu estou bem.

– É o que você diz.

– Você precisa se preocupar consigo mesmo, não comigo. Além disso, está ficando tarde. Você não vai a Raleigh com Lily amanhã?

– Cedinho. Vamos ao culto com meus pais às onze horas e almoçar logo depois. Mas, ao contrário de você, não terei problema para sair da cama amanhã de manhã. Você está péssimo, por sinal.

– Obrigado.

– Principalmente o olho.

– Amanhã não vai estar tão inchado.

– O outro. Acho que você estourou algumas veias. Ou isso ou você se tornou um vampiro.

– Boa!

Evan se inclinou para trás, abrindo os braços ligeiramente.

– Faça um favor para mim – disse ele. – Fique escondido dos vizinhos amanhã. Eu não quero que eles pensem que precisei pegar pesado com você por ter atrasado o aluguel ou sei lá o quê. Não quero ficar com má reputação como senhorio.

Colin sorriu. Tinha pelo menos uns 15 quilos a mais do que Evan e gostava de brincar dizendo que, se Evan já havia posto os pés numa academia, provavelmente fora para fazer uma auditoria.

– Pode deixar.

Nesse momento a garçonete se aproximou, largando um prato com claras de ovos mexidas com presunto, além de uma tigela de aveia gelatinosa. Enquanto puxava a tigela para perto, Colin olhou para a caneca de Evan.

– O que você está bebendo?

– Água quente com limão.

– Sério?

– Já passa da meia-noite. Se eu tomasse café, ficaria acordado a noite toda.

Colin enfiou um pouco de aveia na boca e engoliu.

– Certo.

– O quê? Não vai zombar da minha cara?

– Só estou surpreso por terem limão aqui.

– E eu estou surpreso por fazerem claras de ovos mexidas. Você provavelmente é a primeira pessoa na história que tentou comer uma refeição saudável aqui. – Ele estendeu a mão para sua bebida. – Por sinal, o que vai fazer amanhã?

– Preciso trocar a ignição do meu carro. Não está dando a partida como deveria. Depois disso, vou cortar a grama e dar um pulo na academia.

– Quer ir com a gente?

– Almoço de família não é para mim.

– Não estava convidando para o almoço. Duvido que deixem você entrar no clube com essa aparência. Mas você poderia visitar os seus pais em Raleigh. Ou suas irmãs. Fica no caminho para Chapel Hill.

– Não.

– Só perguntei.

Colin pegou uma colherada de aveia.

– Não precisa.

Evan se recostou no assento.

– Houve algumas lutas ótimas esta noite, por sinal. A que aconteceu depois da sua foi incrível.

– É?

– Um cara chamado Johnny Reese. Derrubou o outro grandalhão, mandou uma chave de pescoço e pronto.

– E o que você quer dizer com isso?

– Ele é muito melhor do que você.

– Certo.

Evan tamborilou na mesa.

– O quê? Você está contente com o modo como lutou esta noite?

– Já acabou.

Evan ficou esperando.

– E?

– É isso.

– Você ainda acha que isso é uma boa ideia? Quer dizer... você sabe.

Colin pegou uma porção de ovos com o garfo.

– Ainda estou aqui com você, não estou?



Meia hora depois, Colin voltou para a via expressa. As nuvens que ameaçavam uma tempestade nas últimas horas finalmente cumpriram com a palavra, liberando uma torrente de vento e chuva pontuada por relâmpagos e trovões. Evan tinha saído alguns minutos antes dele. Quando se acomodou diante do volante do Camaro que vinha restaurando nos últimos anos, Colin pensou no amigo.

Conhecia Evan desde sempre. Quando era criança, sua família passava os verões num chalé na praia de Wrightsville, e a família de Evan morava ao lado. Os dois aproveitavam longos e ensolarados dias andando na praia, jogando bola, pescando e surfando ou fazendo bodyboard. Frequentemente passavam a noite na casa um do outro, até que

a família de Evan se mudou para Chapel Hill e a vida de Colin foi por água abaixo.

Foi bastante simples: ele era o terceiro filho, o único homem, de pais ricos com um apreço por babás e absolutamente nenhum desejo de ter um terceiro filho. Foi um bebê cheio de cólicas, depois uma criança com alto nível de energia e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, o tipo de criança que tinha chilikues regulares, não conseguia se concentrar e achava impossível ficar sentado. Deixava os pais loucos em casa, espantava uma babá atrás da outra e enfrentava dificuldades intermináveis na escola.

No terceiro ano, teve um professor fantástico que tornou as coisas melhores por um tempo, mas voltou a descer ladeira abaixo durante o quarto ano. Entrava em uma briga depois da outra nos intervalos e quase foi reprovado. Foi por volta dessa época que passou a ser considerado *inadequado* e, no fim, sem saber o que fazer, os pais o mandaram para um colégio militar, esperando que a estrutura lhe fizesse algum bem. Sua experiência naquele primeiro ano foi horrenda, e ele foi expulso na metade do segundo semestre.

Pelos anos seguintes, gastou sua energia em esportes de combate: luta livre, boxe e judô. Descontava a agressividade nos outros, às vezes com mais entusiasmo que o recomendável, só porque queria. Não se importava nem um pouco com notas ou disciplina. Depois de mais cinco expulsões e cinco colégios militares diferentes, formou-se com o rótulo de rapaz violento sem planos para a vida e sem interesse de encontrar algum.

Voltou a morar com os pais, e seguiram-se sete anos ruins. Via a mãe chorar e escutava o pai implorar para que ele mudasse, mas os ignorava. Consultou um terapeuta por insistência dos pais, mas continuou na espiral descendente, tendo a “autodestruição subconsciente como objetivo primário”. Palavras do terapeuta, não dele, ainda que hoje concordasse com elas. Sempre que os pais o expulsavam da casa principal em Raleigh, ele ia para o chalé da família, dava um tempo antes de voltar, recomeçava o ciclo.

Quando estava com 25 anos, recebeu uma última chance de mudar de vida. Inesperadamente deu certo. E agora estava ali, fazendo faculdade e planejando passar as próximas décadas numa sala de aula, esperando ser mentor de crianças, o que não faria nenhum sentido para a maioria das pessoas.

Colin tinha consciência de que havia ironia no fato de querer passar o resto de sua existência na escola – um lugar que sempre odiou –, mas a

vida era assim. Não estaria pensando nisso ou no passado se não fosse o comentário de Evan sobre visitar os pais. O que o amigo ainda não percebia era que ficar no mesmo cômodo com eles era estressante para Colin e para os pais. Se aparecesse inesperadamente então... Iriam se sentar desconfortáveis na sala, tentando conversar amenidades enquanto as lembranças do passado preencheriam o ar como um gás venenoso. Sentiria ondas de desapontamento e julgamento irradiando deles, aparentes nas coisas que diziam ou não. Quem precisava disso? Nos últimos três anos, limitava as raras visitas a cerca de uma hora, quase sempre nos feriados, um arranjo que parecia ser conveniente a todos.

Suas irmãs mais velhas, Rebecca e Andrea, tentaram convencê-lo a consertar as coisas com os pais, mas ele encerrava essas conversas de maneira ríspida, como fizera com Evan. A vida delas com os pais tinha sido diferente da dele. As duas haviam sido *desejadas*, ao passo que ele fora um enorme *erro* sete anos depois. Sabia que elas eram bem-intencionadas, mas não tinha muitas coisas em comum com as irmãs. As duas eram formadas, casadas e com filhos. Viviam no mesmo bairro elegante dos pais e jogavam tênis nos fins de semana. Quanto mais velho ficava, mais Colin reconhecia que as escolhas que elas haviam feito na vida eram muito mais inteligentes do que as dele. Mas, afinal de contas, as irmãs não eram *inadequadas*.

Sabia que os pais eram essencialmente pessoas boas. Foram necessários anos de terapia para aceitar o fato de que era ele que tinha problemas. Não os culpava pelas coisas que haviam lhe acontecido; no mínimo se considerava um filho sortudo de duas pessoas pacientes. E daí se havia sido criado por babás? E daí se os pais tinham jogado a toalha e o mandado para um colégio militar? Outros pais provavelmente teriam desistido, mas eles jamais perderam a esperança de que Colin fosse capaz de mudar de vida.

E tinham aguentado tudo o que ele aprontara durante *anos*. E ele havia aprontado muito. Bebida, maconha e música alta demais; suportaram as festas que ele dava sempre que saíam da cidade, festas que deixavam a casa totalmente revirada. Desconsideraram as brigas em bares e as várias prisões. Jamais contatavam as autoridades quando ele arrombava a casa de praia, mesmo tendo causado danos sérios naquele lugar.

Haviam pagado fianças e contas advocatícias. Três anos atrás, quando Colin estava diante de uma longa sentença de prisão depois de uma briga de bar em Wilmington, seu pai mexera uns pauzinhos para fazer um acor-



do que limparia totalmente sua ficha criminal. Isto, claro, se Colin não estragasse tudo. Como parte do trato, ele deveria passar quatro meses numa instituição no Arizona, aprendendo a controlar sua raiva. Quando voltou, foi de novo para o chalé de praia, que na época estava à venda. Também tinha recebido ordem de se encontrar regularmente com o detetive Pete Margolis, da polícia de Wilmington. O homem que Colin havia espancado no bar era um antigo informante confidencial de Margolis e, por conta da briga, um caso importante em que o detetive estava trabalhando não fora solucionado. Por isso, Pete odiava Colin com todas as forças.

Depois de argumentar contra o acordo, o detetive insistiu em monitorar Colin, como se fosse um oficial de condicional. Por fim, o acordo estipulou que, se Colin fosse preso de novo, por *qualquer motivo*, sua ficha original seria restaurada e ele seria condenado automaticamente à prisão por quase uma década.

Apesar das exigências, apesar de ter que lidar com Pete Margolis, que obviamente estava louco para algemá-lo, foi um ótimo negócio. Um acordo *inacreditável*, e tudo graças a seu pai... apesar de ultimamente Colin e ele terem dificuldade para se falar. Colin foi tecnicamente proibido de pôr os pés em casa de novo, embora seu pai tivesse amolecido nesse ponto específico nos últimos tempos.

Colin foi obrigado a reavaliar sua vida após ser permanentemente expulso de casa depois de voltar do Arizona, e a olhar da rua enquanto os novos donos tomavam posse do chalé de praia. Acabou dormindo na casa de amigos em Raleigh, indo de um sofá para outro. Pouco a pouco, chegou à conclusão de que iria se destruir completamente. O ambiente ali não era bom e seu círculo de amigos estava tão fora de controle quanto ele. Sem ter para onde ir, voltou a Wilmington e se surpreendeu ao se ver à porta de Evan. Ele morava ali desde que se formara pela Universidade da Carolina do Norte e ficou igualmente surpreso ao encontrar o velho amigo. Também se mostrou cauteloso e um pouco nervoso, mas Evan era Evan, e não viu problema no fato de Colin ficar na sua casa durante um tempo.

Colin demorou para recuperar a confiança de Evan. A vida dos dois havia tomado caminhos diferentes. Evan era muito mais parecido com Rebecca e Andrea, um cidadão responsável cuja única experiência criminal era ter assistido à série *Prison Break*. Trabalhava como contador e consultor financeiro. Seguindo os ideais prudentes de sua profissão, comprara

uma casa e a dividira, a fim de criar um apartamento no primeiro andar com entrada separada. Apartamento este que, por acaso, estava vago quando Colin apareceu. Colin não pretendia ficar muito tempo, mas uma coisa tinha levado a outra e, quando conseguira um emprego de barman, ele se mudara de vez para o andar de baixo. Três anos depois, ainda pagava aluguel ao melhor amigo.

Até agora estava dando certo. Ele cortava a grama, aparava os arbustos e, em troca, pagava um valor mais em conta. Tinha o próprio espaço com entrada exclusiva. Ao mesmo tempo, seu amigo estava logo ali e era exatamente isso de que Colin precisava na vida.

Evan usava terno e gravata, mantinha a casa impecável e jamais bebia mais do que duas cervejas quando saía. Além disso, era o sujeito mais legal do mundo. Aceitava os defeitos de Colin. E – só Deus sabe por quê – acreditava nele, mesmo quando Colin sabia que nem sempre merecia.

Lily, a noiva de Evan, era do mesmo jeito. Apesar de trabalhar com publicidade e ter seu próprio apartamento na praia – comprado pelos pais –, passava tempo suficiente na casa de Evan para se tornar uma parte importante na vida de Colin. Demorara um tempo para aceitá-lo, é verdade. Quando se conheceram, Colin usava cabelo moicano louro e tinha piercings nas duas orelhas. A conversa inicial dos dois havia se concentrado numa briga de bar em Raleigh, quando o cara mais velho tinha ido parar no hospital.

Durante um tempo, ela não conseguiu entender como os dois podiam ser amigos. Lily era arrumada e educada. As expressões que usava pareciam de uma época anterior. Além disso, era a garota mais estonteante que Colin já vira, e não era de espantar que Evan virasse um fantoche nas mãos dela. Com cabelo louro, olhos azuis e um sotaque doce mesmo quando estava com raiva, seria a última pessoa no mundo a apoiar Colin. No entanto...

Tinha sido Lily, dois anos atrás, quem sugerira que ele assistisse a aulas no curso noturno da faculdade. Em outra ocasião, ela ajudara Evan a impedir que Colin cometesse mais uma vez o tipo de erro impulsivo que poderia levá-lo à prisão. Ele a amava por essas coisas, assim como amava o relacionamento do casal. Fazia muito tempo que decidira que, se alguém ameaçasse os dois de qualquer modo, ele cuidaria do assunto, não importando as consequências, ainda que isso o fizesse passar o resto da vida atrás das grades.

Mas todas as coisas boas acabam. Não é o que as pessoas diziam? A vida que ele havia levado nos últimos três anos estava fadada a terminar. Evan e Lily estavam noivos e com planos de se casar na primavera. Apesar de insistirem que Colin poderia continuar morando no apartamento do andar de baixo, ele sabia que os dois haviam passado o fim de semana anterior vendo imóveis num bairro mais perto da praia de Wrightsville, com casas que tinham o tipo de varanda dupla comum em Charleston.

Os dois queriam filhos e toda aquela coisa de quintal com cerca branquinha. Colin não tinha dúvida: em menos de um ano, a casa atual de Evan estaria à venda. Depois disso, ficaria sozinho de novo e, mesmo sabendo que não era justo esperar que Evan e Lily se responsabilizassem por ele, às vezes se perguntava se eles sabiam como tinham se tornado importantes em sua vida.

Como esta noite, por exemplo. Não tinha pedido a Evan para ir à luta; a ideia fora dele. Não tinha pedido para Evan ficar com ele enquanto comia, mas o amigo provavelmente suspeitara de que, se não tivesse feito essas coisas, Colin poderia terminar num bar e não na lanchonete, relaxando com bebida em vez de um desjejum à meia-noite. Apesar de Colin trabalhar como barman, ficar do outro lado do balcão não era uma boa ideia.

Saindo finalmente da via expressa, Colin entrou numa estrada rural sinuosa, cheia de pinheiros e carvalhos. Trepadeiras cresciam sem demonstrar favoritismo entre os dois. Não era exatamente um atalho, e sim a tentativa de evitar uma série interminável de sinais de trânsito. Os relâmpagos continuavam a brilhar, transformando as nuvens em prata e iluminando o espaço ao redor com clarões fantasmagóricos. A chuva e o vento se intensificaram, os limpadores mal conseguiam manter o para-brisa limpo, mas ele conhecia bem a estrada. Entrou numa das muitas curvas cegas antes de pisar instintivamente no freio.

Adiante, um carro se encontrava meio fora da estrada, num ângulo torto, o pisca-alerta aceso. O porta-malas estava aberto. Enquanto o Camaro diminuía de velocidade, Colin sentiu um tranco antes que os freios atuassem de novo. Entrou na pista oposta para dar espaço ao carro, achando que o sujeito não poderia ter escolhido uma hora ou lugar pior para parar. Além de a tempestade limitar a visibilidade, aquele também era o horário em que os bêbados voltariam para casa. Ele podia imaginar um deles entrando na curva depressa demais e batendo no veículo.

*Isso não é bom*, pensou. Era um acidente pronto para acontecer, mas ao mesmo tempo não era da sua conta. Não era seu trabalho resgatar estranhos e, de qualquer modo, como poderia ajudar? Entendia o motor do Camaro, mas apenas porque o carro era mais velho do que ele; os motores modernos pareciam mais com computadores. Além disso, o motorista sem dúvida já havia telefonado pedindo ajuda.

Foi quando notou que o pneu traseiro do carro estava vazio e, atrás do porta-malas, uma mulher – totalmente encharcada, de jeans e com uma blusa de manga curta – lutava para tirar o estepe do compartimento. Outro trovão ressoou, uma longa série de estrondos que a perturbou. Seu rímel escorria. O cabelo escuro dela e os olhos bem separados o lembravam uma das garotas com quem estudava.

Sentiu os ombros caírem. Por que tinha de ser uma mulher em dificuldade? E por que – como tudo indicava – uma garota da sua turma? Ele não podia fingir que não tinha notado que ela precisava de ajuda. Realmente não precisava disso agora, mas que opção havia?

Com um suspiro, parou no acostamento, ligou o pisca-alerta e pegou a jaqueta no banco de trás. A chuva só piorava, encharcando-o instantaneamente quando ele saiu. Passando a mão no cabelo, respirou fundo e partiu rumo ao carro dela, calculando quanto tempo levaria para trocar o pneu e voltar para a estrada.

– Precisa de ajuda? – gritou ele.

Surpresa, ela não respondeu. Em vez disso, com expressão chocada, soltou o pneu e recuou lentamente.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)